CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA INFLUÊNCIA INDÍGENA NO LINGUAJAR CEARENSE

FLORIVAL SERAINE

A influência das línguas indígenas que perdurou no linguajar cearense não apresenta características estruturais, verdadeiras peculiaridades, dentro do mapa linguístico do Nordeste brasileiro. Os fenómenos registrados aqui não se distinguem fundamentalmente dos ocorrentes em outros pontos desse bem definido trato do território nacional que vai do Piauí até a Baía.

Um acréscimo extenso e significativo ao vocabulário; modificações fonéticas sobre a origem das quais divergem sempre os especialistas; um que outro facto morfológico ou sintático, também de fonte ainda hoje posta em tela de discussão...

Devemos, porém, frisar que se a contribuição tupi foi a mais considerável naquilo que houver permanecido em nossa linguagem da raiz aborígine, outros idiomas indígenas devem ter exercido alguma actuação sobre o português que falamos, pois o Ceará foi abrigo de avultado número de membros das famílias tapuia e cariri. Esse capítulo das interrelações do português histórico com as línguas indígenas com que se defrontou, ainda está, infelizmente, por ser esclarecido com a seriedade científica realizável, e é pena que um Capistrano não haja tentado empreendimento de tamanha significação e interesse culturais. A Toponímia aí está, porém, como documentação probatória da existência daqueles idiomas, que o tupi litorâneo, sendo língua mais assimilável, em grande parte diluiu e absorveu.

Teremos que nos contentar com o que se fez até agora e, assim, iniciaremos pela parte léxica, sem dúvida a mais importante.

Da Antroponímia e da Toponímia aqui não trataremos.

Portanto, serão nomes da fauna e da flora regionais, de alimentos ou substâncias de que estes se fabricam, de algumas doenças, ainda hoje populares, bem como os de certas coisas ou objectos, que mencionaremos a seguir.

NOMES DA BOTÂNICA REGIONAL:

abacaxi, açaí (este é conhecido, mas é peculiaridade do Extremo-Norte), *acapu* (conhecido mas não é regional), *andiroba, andré-quicé* (corrução de *andiraquicé*), *amendoim* (equivalente a *mendubim* ou *mendubi), araçá, arapiraca, araticum, bacupari* (existente só em certas regiões), *bacuri* (é conhecido no Ceará, mas procedente do Piauí, Maranhão e Pará), *batiputá, braúna, buriti* (conhecido, mas não medra senão em determinadas zonas do interior do Estado), *cajá, cajarana, caju, camapum, capeba, capim, carnaúba, caruá, caroba, chanana, chichá, cipó, coaçu, copaíba, croatá, cumaru, embira, embiriba, jenipapo, jerimum, jitirana, guabiraba, guajeru, goipuna, guaraná* (voz muito conhecida, porém não regional), *imbaúba, imbu* ou *umbu, imburana* ou *umburana, ingá, ingarana, japecanga, jataí, jamacaru, janaguba, jatobá, jiriquiti, juá, jucá, jaboticaba,* (conhecido, mas não é regional), *jacarandá, juçara, jurema, jurubeba, macambira, maçaranduba, macaúba, macacaúba* (usada na confecção de mobiliários), *macaxeira, manacá, mandacaru, mandioca, mangaba, mangará, mangerioba, maniçoba, maniva, manipuçá, mapirunga, maracujá, maturi, milhã, monguba, murici, muçambê, mucunã, mutamba, mururé, oiti, oiticica, peroba, piassava* (o mesmo que piaçaba), *pindoba, piqui, piroá, pitanga, pitomba, puçá, samambaia, sapucaia, sipaúba, sucupira* (madeira importada), *taboca, tabuba, tajá, tatajuba, taquara, taquari, timbaúba, tingui, timbó, tipi, torém, tucum, trapiá, uacima, ubaia, umari, urucu, urucuri* (o mesmo que *ouricuri), xique-xique* (este é considerado de origem tapuia ou cariri, bem como o termo *catolé,* também da flora regional).

NOMES DA ZOOLOGIA REGIONAL:

anum, arabaiana, araponga, arapuá, arara, aratú, ariacó, aruá, bacurau, baiacu, beijupirá, biquara, bodó, caba, caboré, caitetu, camiranga (urubu), *camorim, camorupim, cangati, canguçu, caninana, capivara, cará, carapeba, carapitanga, carcará, cauã, ciri, coró, cupim, curica, curiatã, curimã, cururu, cutia, enxu* ou *eixu, enxui, gambá, jia, jibóia, goipeba, grauçá, graúna,*

guabirú, guarajuba, guaiamum, guaiúba, guará, guariba, guaxinim, guriatã (este não nos parece do Estado), *imbuá, jabuti, jaburu, jacaré, jaçanã, jacu, jacundá, jacupema, jandaia, jandaira, jararaca, jati, jequitaia, jucurutu, juriti, mambira, maracajá, maracanã, maritacaca, minhoca, mocó, mocuim* (mucuim), *mutuca, mucura, muriçoca, mussu, nambu, paca, pecapara, peba, piaba, piau, pirá, piranha, pirarucu, piratinga, piraúna pitu, pium, pixuna, poraquê (puraquê* é a pronúncia — não é encontrado na região, mas é conhecido), *potó, preá, punaré, quati, quandu, sabiá, saguim, sanhaçu, sapuruna, saraça, saúna, sericóia, sioba, siri, socó, suçuarana, sucuri, surubim, surucucu, sururu, tamanduá, tanajura, tapuru, tatu, teiú, tetéu, tijuaçu, tiranabóia,* (corr. de jitirana-boia), *tijubina, traíra, tucano, uirapuru* (conhecido, mas não é ave da região), *uruanã* ou *aruanã, urubu, uruçu, zabelê.* (1) Certos nomes, a exemplo de *pirarucu* chegados ao Nordeste, da Amazónia, são usados correntemente no Ceará.

NOMES DE COISAS E OBJETOS: *aracambus, araçanga, arapuca, atapu, caçuá, caiçara, cambito, caraca, combuca, coité* ou *cuité, coivara, cuia, embiricica, garajau, jirau, ipu, jacá, jereré, jiqui, landuá, maracá, mimbura, mondé, moquém, oca, patuá, peteca, pinambaba, puçá, pucumã* ou *picumã, poita, quicé, quixó, samburá, saburá, sassanga, tabatinga, taboca, tauaçu, tipiti, tipóia, uru, urupema.* Os cheiros desagradáveis são conhecidos por *inhaca, pituim, piché,* este mais comum na Amazónia, bem como *pitiú. Aracati* é a designação de um vento que sopra no vale do Jaguaribe.

NOMES DE COMIDAS E SUBSTÂNCIAS ALIMENTÍCIAS: — *beiju, cambica, carimã, crueira, garapa* (?), *manicuêra* ou *manipueira. mingau, mocororó, moqueca, paçoca, pamonha, pipoca, pirão, tapioca, tucupi* (o último procede geralmente do Pará, mas é conhecido no Estado).

NOMES POPULARES DE DOENÇAS: — *caruara, catapora, curuba, jereré, juçara* (o povo chama ordinàriamente *ruçara), papoca, pereba, sapiranga.*

DENOMINAÇÕES TÓPICAS: — *biboca, brocotó, catinga, capão, capueira, ipueira, perau, tapera, tijuco, toca.*

---

1) A propósito de **noitibó,** vocábulo cuja procedência indígena nem sempre é aceita pelos estudiosos da matéria, lembramos que Artur Neiva considera haver o mesmo existido no Brasil, tendo sido os portugueses que o trouxeram, como designação dos nossos caprimulgideos, pelo menos em Pernambuco, segundo registraram Piso e Marcgrave. (V. **Estudos da lingua nacional** — págs. 175-185). Jaime Lopes Dias, folclorista português, descreve, em um dos seus livros, a lenda «A condenação da noitibó», a qual circula na Beira-Baixa (V. «Etnografia da Beira» 1º vol. 2ª ed. — págs. 80-81).

PERTINENTES AO FOLCLORE REGIONAL: — *caipora, guajara* ou *guarí* (Município de Acaraú), *torém* (dansa indígena dos caboclos de Almofala, descendentes dos índios tremembés). Lembramos, nesta oportunidade, a festa dos *Caboclos*, cuja "chegada" a Parangaba, véspera de Natal, motiva grandes festejos populares, constituindo uma tradição de origem indígena regional.

NOMES DE PARTES DO CORPO: — *mocotó, piroca,* — este, aliás, usado no Sul, porém já conhecido em Fortaleza.

Uma interjeição de origem tupi, ainda circulante no Ceará, é *babau!* — Ex.: "Acabou-se, *babau*, agora é tarde!"

ALGUNS NOMES DE USO CORRENTE, REFERIDOS A PESSOAS: — *babacuara, caboclo, capenga* (?), *carioca, cunhã, curumim, jururu, panema, paroara, sapeca, tabaréu, tiririca, xará.*

OUTROS NOMES, USADOS EM GERAL COMO ADJETIVOS: — *baé, chué, combuco, pixaim, pubo, a,* etc.

Peba (plano, chato) é considerado também um qualificativo, como na expressão *tatu-peba* (tatu-chato).

Factos semânticos merecem registo, destacando-se alguns casos de transferência designativa, algumas ocorrências metafóricas, sem que, pelo comum, desapareça da linguagem regional o sentido primitivo do termo.

DE ANIMAL A VEGETAL: — *caninana* (cipó), *quandu* (carnaúba pequena), *sabiá* (planta forrageira), *tijuaçu* (cipó); DE ANIMAL A COISA: — *caitetu* (peça principal do aparelho para ralar mandioca), *cupim* (toutiço dos touros e carapinha de negro), *jararaca* (roupa de cor escura, de casemira principalmente), *mocó* (pequeno surrão), *jaburu* (aparelho de jogo de azar que lembra a roleta), *tijubina* (faca de ponta — Leonardo Mota); DE VEGETAL A COISA: — *abacaxi* (coisa sem valor, decepcionante, etc.; aliás, o termo parece-nos chegado do Sul), *maniva* (penis), *capim* (papiloma venéreo); DE VEGETAL A ACTO: — *taboca* (logro); DE COISA A CONDIÇÃO, ESTADO: — *pindaíba* (quebradeira, sem dinheiro. Usado principalmente nas locuções *estar na pindaíba, andar na pindaíba). Andar ao atá* é outra expressão, já estudada e analisada.

Alguns casos de translação de sentido ou metáfora, em que um nome de animal é aplicado a pessoa: *arara* (individuo tolo, moleirão); *baiacú* (indivíduo baixo e grosso); *saruê, sarará* e *grauçá* (mulato alourado e indivíduo albino) ;*guabiru* (ladrão); *gambá* (beberrão); *perereca* (pessoa de pequena estatura); *preá* (sujeito que toma parte em divertimentos sem fazer despesas). Nome de vegetal aplicado a pessoa: *carnaúba* (indiví-

duo que se presta a todas as políticas, segundo regista Paulino Nogueira em seu "Vocabulário Indígena"); *peroba* (indivíduo maçante e também indivíduo resistente). Citaremos, aqui, mais alguns termos, que sendo *substantivos* na origem tupi, passaram a ser tomados como *adjetivos* em nosso linguajar: — *caipora* (diz-se da pessoa desafortunada, azarada); *jiqui,* (estreito, apertado; diz-se das vestes); *nambi* (troncho da orelha); *puba* (fermentada); *pajussara* (grande, enorme); *tijubina* (grande, enorme). Um caso de generalização de sentido (persiste o original) — *piracema* (surto colectivo). Citaremos ainda algumas *comparações* ou *similes,* e outras locuções de uso entre o povo, mormente do sertão, algumas já registadas por Leonardo Mota: "liso que só *mussú*" — sem dinheiro, quebrado; "olho de *pitomba*" — indíviduo que tem salientes os globos oculares; medroso como *sonhim*" — muito medroso; "pegar um *peba*" — cair do cavalo; "casco de *peba*" — chapéu ordinário e de grossas palhas; "besta como *aruá* (uruá) — tolo; "*girmum* (girimum) de ponta de rama" — o mesmo que bananeira que já deu cacho: pessoa que já está velha, imprestavel; "perna de *cambito*" — perna fina; "abraço de *tamanduá*" — abraço falso, traiçoeiro; nariz de *tucano* — nariz comprido e largo.

Tratando da formação de palavras referimos em primeiro lugar os verbos que são formados de raizes indígenas com afixação portuguesa: *acablocar, amoquecar, atocaiar, atubibar, bubuiar, capengar* (?), *capinar, catucar, cotucar, destabocar, encambitar, encoivarar, entabocar, espocar, guabiruar, encaiporar, intinguijar, muquiar, papocar, pitar, sapecar, socar, tocaiar.* Paulino Nogueira ("Voc. Ind. em uso na Prov. do Ceará" — In *"Rev. Inst. do Ceará"* — verb. *maniva)* refere *desmanivar* — decidir a questão, abonando o seu emprego com uma citação de Araripe Júnior — "Luizinha", pág. 244.

O verbo *sassangar,* que Leonardo Mota afirma haver escutado na Paraíba, também o ouvimos de jangadeiros cearenses. É derivado de *sassanga* ou *saçanga* — chumbada grande para sondar a fundura oceânica, usada com o fim de verificar o ponto onde deve fundear a jangada para a pescaria. *Sassangar* é, pois, usado na accepção de sondar, verificar, por meio de *sassanga,* a profundidade marinha.

Aliás, não são apenas verbos as palavras formadas de temas indígenas; grande número de substantivos e alguns adjectivos podem ser indicados com essas raizes e afixação normal em nosso idioma. De um vocábulo como *cajá,* p. ex., procedem um hibrismo *cajazeira,* e um derivado com o sufixo indígena *rana: cajarana.* Aliás este sufixo, que indica semelhança em

relação ao objecto a que se aplica, entra na formação de inúmeros vocábulos circulantes no nosso linguajar, cabendo notar alguns hibridismos, como: *brancarana* (mestiça bem clara, parecendo branca), *canarana* (vegetal parecido com a cana). Um outro sufixo indígena — *tinga* entra na formação de palavras como *urubu-tinga*. *Piratinga* é nome de peixe, *jacutinga* de uma ave.

Temos observado recentemente em Fortaleza o uso da palavra chula *baitinga*, referida ao homossexual masculino, já decorrente de outra generalizada *baitola*. *Tinga* significa branco, claro, alvacento, mas no caso aludido é aplicado indistintamente. Se trazemos à baila aqui um exemplo de expressão torpe é apenas para sugerir que no espírito do nosso povo sobrevive a alma indígena, fazendo que espontâneamente — inconcientemente, já iamos dizendo — repontem esses processos da língua tupi. Em apelidos ou apodo o tal sufixo é usado também, como no caso de um gazeteiro, conhecido por *Chupitinga*, em Fortaleza.

Os sufixos *açú* e *mirim*, além dos usos comumente referidos, são acrescentados às vezes a vocábulos, com intenção burlesca ou pejorativa.

Há também palavras compostas, híbridas de português e tupi, como as que se seguem: *cana-capim* (variedade de gramínea, existente no Ceará); *papa-capim* e *urubú-rei* (nomes de aves conhecidos na região). De uma palavra como *caboclo* se originam — *caboclão, cabloquinho, caboculinho* (nome de um pássaro), *caboclada, acablocado, caboclaria*, devendo-se notar na pronúncia desses vocábulos, entre o povo, a supressão da lingual-dental *l*. Um simples caso, que basta para demonstrar a riqueza formativa de que dispõe a nossa gente, no domínio da linguagem.

Não entraremos neste trabalho no estudo dos factores históricos, sociais e psicológicos de interesse para a compreensão das influências registadas, das línguas indígenas no linguajar regional.

Observações judiciosas e sugestões interpretativas bastante plausíveis, a respeito, se nos apresentam em obras de Clóvis Monteiro, Plínio Airosa, Artur Neiva, João Ribeiro, Gilberto Freyre e outros.

Frisamos, no entanto, que no Ceará há regiões como a Ibiapaba, onde permaneceram durante maior espaço de tempo grupos indígenas, que conservam no linguajar dos seus habitantes expressões tupis, que na Capital já se não usam. Citamos para exemplificar *cunhã* e *curumim* ou *culumim*, a que já aludimos anteriormente.

Um esforço que talvez servisse para esclarecer certos pontos controvertidos e mesmo trazer a lume algum facto novo, seria o de buscar essas regiões serranas ou do litoral onde vivem ainda patrícios nossos que conservam os traços indígenas bastante acentuados, e dos quais alguns são mesmo descendentes em segunda ou terceira geração de verdadeiros aborigines .(2) Sobre a fonética principalmente alguma luz se obteria, e então deixariamos o mundo das hipóteses, das meras conjecturas, em que infelizmente nos debatemos, ao tratar das influências indígenas na nossa pronúncia.

Acerca do tema, fazemos presente o magnífico trabalho

---

2) Em recente excursão (Outubro de 1950) à praia de Almofala, no município de Acaraú, entramos em contacto com inúmeros habitantes da localidade, recolhendo algumas lendas circulantes na região, como a do **guajára** ou **guari,** espécie de **saci** dos mangais, que recebe ainda o nome de **pagé do rio.** Conseguimos então assistir à realização do **torém,** dansa imitativa, pantomimica, que procede, sem dúvida, dos indígenas, que ali pertenciam à nação tremembé.

Agitando o **aguaím,** espécie de maracá, o chefe do **torém,** no interior de um circulo formado por dansadores, executa os movimentos coreográficos, cantando esquisita melodia, de cujo texto recolhemos as seguintes partes:

Guirará vidiú
Vi taía gurecê,
Ô guirará, ô guirará,
Guirará vidiú pôpê.

Ô jári mivê
Ô jári mivê
Agui mãnín
Mãnima cêrêcê.

Canungadiá
Andê cuiã
Êdíri dirirá
Ê cuiã di candugá».

No curso da dansa são distribuídas entre os dansadores boas porções de **mocororó** (suco de cajú fermentado), sendo então executado o canto pela distribuidora da bebida, o qual repetem em côro os dansadores:

— «Nagúra nagúra
Guainxê
Nagúra nagúra
Guainxê
Vãmu prô Cuiabá
Ariguê...»

São bem nítidos os traços indígenas nos habitantes de Almofala. Nos arredores dessa localidade ainda há quem cace e pesque com arco e flecha, ao modo dos selvicolas.

que divulgou Plínio Airosa nos "Anais do Congresso da Língua Nacional Cantada", intitulado "Subsídios para o estudo da influência do tupi na fonologia portuguesa".

Como possíveis alterações prosódicas dos fonemas portugueses sob a influência do tupi, o estudioso paulista cita as segs., que ocorrem no Ceará:

— pronúncia brevíssima ou elisão de consoantes finais: *fazemo* (fazemos), *demo* (demos), *pire* (pires), *viaje* (viajem), etc.;

— abrandamento de grupos consonantais pela intervenção de uma vogal brevissima: *terens* (trens) e muitos outros factos; ligando-se o caso à não existência no tupi de consoantes seguidas;

— queda do *d* nas formas portuguesas em *ando, endo, indo,* etc., relacionando-se o facto com a inexistência do *d* puro no tupi-guarani. Serafim Silva Neto aponta, como troca dos grupos *nd* e *mb em n e m,* os casos de *tamarino* por *tamarindo* e *tamém* por *também* ("Introdução ao estudo da lingua portuguesa no Brasil" — pag. 149). Airosa cita:

— *falano* (falando), *veno* (vendo), *saíno* (saindo), *pono* (pondo), etc. Este facto, que é peculiar à fala do caipira paulista, ocorre também entre nós nas classes incultas, sem, no entanto, ser geral;

— vocalização do grupo *lh* em *i,* por não existir o mesmo no tupi-guarani: — *muié* (mulher), *fio* (filho), *espêio* (espelho), *ôio* (olho), *mio* (milho), etc;

— abrandamento do *z* final ou de *s* com som de *z,* formando-se um ditongo com a vogal anterior: *rapáis* (rapaz), *capáis* (capaz), *talvêis* (talvez), *trêis* (três), *nóis* (nós), etc.;

— supressão de letras ou sílabas médias ou finais evitando o proparoxitono: — *ridico* (ridículo), *legite* (legitimo), *cósca* (cócega), *músga* (música), etc., etc.;

— ocorrências *b* ou *v,* originadas pelo som aproximado do expresso pelo w inglês, como em *bassôra* = vassoura, *berruga* = verruga, etc.

Refere ainda os segs. factos: mudança do *i* característico do tupí, nas palavras provenientes dessa lingua, em *i* ou *u* puros ou em y, ig, hu, hi, hy, etc. Exs.: — *poti* — potí, *arací* — aracy, *iára* — *igara, yací* — jacy, etc.;

— a facilidade da permuta das labiais *p, m, b,* podendo justificar as fórmas duplas correntes na toponímia e nos vocábulos de origem tupi. Exs.: *Mirity* (topônimo) e *burití* (fruto).

Observa ainda Airosa que o som representado por *l* sendo inteiramente desconhecido no tupi, poderia ter ocasionado a queda dessa letra no português roceiro, quando não substituído por *r* brando. Isto em relação ao português falado em seu Es-

tado, isto é, S. Paulo, porque no Ceará o que ocorre sempre é a troca dessa consoante, quer medial, quer final, em *u*.

São ainda citados os seguintes casos fonéticos: troca entre o *l* inicial e o *d (ligêro* e *digêro, libaral* e *dibaral);* despalatização do fonema *lh,* tornado *lê (mulé* por mulher, e outros); troca do *l* medial por *r (arto* por alto, *sarto* por salto), facto que é mais comum na Paraíba e só excepcionalmente ocorre no Ceará (V. Serafim Silva Neto, *ob. cit.* pág. 149).

Mas é o próprio Airosa quem adiante observa: "Convictos embora da grande influência que o tupi exerceu sobre o português falado no Brasil, pensamos que as conclusões definitivas só poderão ser formuladas quando dispusermos de sérios e completos estudos a respeito das línguas africanas e das várias outras ameríndias, que foram praticadas ao lado da língua dos tupi-guaranis".

Efetivamente, grande parte dos casos apontados como de fonte indígena, autores há que os citam como de origem afronegra, não só em relação à fonética e à morfologia, como também à lexicografia, donde algumas das interrogações que, neste trabalho, colocamos após certos vocábulos mencionados como indigenismos.

Permitimo-nos agora lembrar que escritores portugueses antigos revelam factos, como os de vocalização do *lh: moyer ("Dic."* de Viterbo e em "Obras» de Gil Vicente), *oyo* (Gil Vicente); alargamento da vogal tónica em um ditongo: *péis* (Francisco Manuel de Mélo — "O Fidalgo Aprendiz"); *mais* = mas (Zurara — "Cr. dos feitos de Guiné", D. Duarte — "Leal Conselheiro"); quedas de consoantes finais como em *page* — pagem ("Canc. Geral", "Menina e moça" — Bernardim Ribeiro); supressão de letras médias ou finais; troca de *v* por *b* e viceversa, que ocorrem em autores da época anteclássica e mesmo clássica, e ainda hoje acusam os campónios lusos. (3) Para nós, um fenómeno que parece de fonte indígena é a

3) Em «O Ceará e os Cearenses», Antônio Bezerra, tratando da toponimia cearense, já assinalava o facto da troca da consoante **v** por **b**, e vice versa, ocorrente entre os colonos lusos que aqui aportavam. (V. op. cit. — págs. 112 e 120).

Folheando algumas obras recentes de folcloristas portugueses que se ocupam do linguajar da Beira e do Alentejo, deparamos com a citação de factos linguísticos nessas regiões, os quais têm sido considerados como de procedência indígena.

Em «Cantigas populares alentejanas e seu subsídio para o léxico português», da autoria de J. A. Pombinho Júnior, pode-se lêr, à pág. 59: «**galego** s. m. Deprec. Aquêle que é natural do norte do país, sobretudo das Beiras. No Alentejo tem mais estes epitetos: **bimbio** e **coïbinha** (da terra das **coïbes** — um e outro são epitetos que envolvem censura à maneira como a gente do norte pronuncia os **bb** e **vv**, trocando o seu em-

nasalização geral das vogais que precedem consoantes nasais. A nasalação por contiguidade. A abertura das vogais prètonicas, tão comum ao nosso linguajar, talvez com razão seja apontada como de raiz tupí.

Autores há que referem ocorrências morfológicas e sintáticas, observáveis entre nós, como provàvelmente oriundas de influências das línguas indígenas sobre o português.

João Ribeiro, na "Selecta Clássica", desfaz com bastante juizo filológico duas interpretações de Bias Mendes, que julgara brasileirismos de raiz indígena factos que têm precedentes no português de Portugal. Vale a pena fazer algumas transcrições. "A simples repetição do *que* interrogativo constitui neste caso um brasileirísmo. Os portugueses dizem conforme a índole da sua língua: *Que tem ele? que queres?* etc.

Nós, porém, obedecendo a uma regra da lingua tupi, dizemos ordinàriamente: *Que que tem?, que que queres?* etc. E assim ajuntamos ao *que* português outro *que* de procedência americana, o qual em sua origem não era mais que um simples interrogativo". (Bias Mendes).

"Esta explicação ainda que interessante e sugestiva é, ao meu parecer, muito forçada e em verdade inútil. A locução *que é que* contrái-se regularmente em *que que*, em *quêque* do mesmo modo, como se viu acima; *para que é = para quê?* e também *que é de?* contrái-se em *quêde* ou *quéde* — tanto no Brasil como em Portugal» (João Ribeiro).

Bias Mendes notara, ainda, que o povo do interior, quando quer exprimir duração ou continuidade na acção do verbo, costuma repetir a este do seguinte modo: *"estão fala falando, ralha ralhando*, etc.", facto que interpretou como a tradução literal de construções tupis.

---

prêgo), etc. Mais adiante, à pág. 63: **Home**, s. m. O mesmo que homem. E' termo popular muito usado na região alentejana e também em todo o país.» E cita ainda, como se dá entre os nossos sertanejos, **lavarêda**, vulgar no distrito de Évora; **prantar** (plantar); **tambéim** (tambem)), trocer (torcer), vulgares entre o povo da sua região.

Jaime Lopes Dias, versando a linguagem da Beira Baixa, aponta: **bajas** (vagens); **belancia** (melancia), **cravão** (carvão), **tamem** (também) e **Badanéla**, Madanéla (Madalena). («Etnografia da Beira». vol. VI — págs. 261 e segs.).

O prof. António Marques da Silva refere **onte** por ôntem, **memo** por mesmo, **tamém** por também, no linguajar dos trabalhadores nas vinhas da ilha da Madeira (V. «A Vinha» — In «Mensário das Casas do Povo» — Junho 1950.)

Imprescindivel é, sem dúvida, um exame aos dialectos crioulos, negro-portugueses, para os estudos comparativos das modificações sofridas lá (em Damão, Goa, Macau, etc.) e em nosso país, pela lingua culta superior, em face dos idiomas dos nativos.

João Ribeiro diz não ser o mesmo, brasileirismo, e que é sintaxe também ocorrente no português: "Mas eu *zomba zombando*" (III jornada do Auto do "Fidalgo Aprendiz"). Acrescenta o mestre sergipano ser esta construção muito comum no castelhano, e que com o domínio espanhol no Brasil chegaram até nós muitos espanholismos.

Clóvis Monteiro, em "Português da Europa e português da América", comenta algumas opiniões do já citado Bias Mendes, refutando a influência tupi como causa de peculiaridades sintáticas do falar brasileiro. E' assim que o caso do verbo *ter* usado como impessoal *(tem homens)*, o emprego das formas de nominativo dos pronomes pessoais como objecto directo *(eu vi êle*, e outros exemplos), Clóvis Monteiro considera não de fonte indígena, mas indicadores de que "o espírito da língua está operando no sentido de criar novas modalidades de expressão".

Considera mesmo que "onde se pretende descobrir um sinal da influência do tupi, não há senão um traço da tendência espontânea da língua, o qual às vezes já se tem patenteado em Portugal" (V. *op. cit.*, págs. 189-199).

Não entraremos aqui na apreciação do assunto, mas lembraremos que — como já se observou — grande parte dos casos atribuídos à influência indígena, os africanologistas consideram como de origem afro-negra.

A verdade é que eles ocorrem também em regiões onde o afluxo negro foi reduzido, e se não havemos de conceder tanta importância à influência tupi, menos ainda se deverá à actuação das línguas afro-negras que, devido a circunstâncias sociais e históricas, jamais poderiam exercer modificações profundas na nossa fala. Negar por completo actuações do tupi sobre o português, actuações que se fariam sentir no acento, no timbre, no registro mesmo, da voz, e também actuações de ordem psicológica, "afectiva", capazes de marcar a nossa linguagem, em aspectos morfológicos e sintáticos, seria avançar em demasia, querendo exercer afirmativas em terrenos nada propícios às mesmas. Será dificil abandonarmos o domínio das conjecturas, porque — como é sabido — factores outros explicativos, se cruzam com as prováveis influências tupis. Melhor conduta será aceitar a intercorrência de causas, que assentem em bases ou em hipóteses razoáveis. Não esquecer um estudo histórico rigoroso do português em terras brasileiras, dos "arcaismos", bem como de examinar a linguagem falada pelo povo em Portugal, mòrmente em certas regiões, na época atual.

Para nós, é fator importantissimo o mesológico, o clima,

o ambiente cósmico, a assinalar inconfundivelmente o mecanismo profundo da linguagem.

Os óbices, evidentemente, não são os mesmos em se tratando de analisar as alterações fonéticas sofridas pelos vocábulos tupis na sua passagem para o idioma brasileiro.

Renato Mendonça em "O Português do Brasil", agrupa-as em duas classes: *vocalismo e consonantismo,* e examina os casos de *deglutinação, aférese, síncope, absorção, crase, prótese, paragoge, permuta, desnasalação, hiperbibasmo,* e na parte referente ao consonantismo faz interessantes observações acerca dos grupos consonantais *mb, nd* e *nh,* e sobre outros casos, de que se ocupou também Plínio Airosa.

Inicia Anchieta a sua "Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil" com os segs. dizeres: "Nesta lingoa do Brasil não ha f, l, s, z, rr dobrado", etc. O *v* também era ignorado no tupi-guarani. O certo é que, como frisa o citado Mendonça, o idioma tupi, sendo rico em sons vocálicos, era pobre em consonâncias.

Que a brandura ou suavidade da elocução indígena, provàvelmente resultante desse facto, tenha concorrido para suavizar a nossa pronúncia, adoçando o áspero falar lusitano, é o que pensam alguns autores, ao facto ligando mesmo ocorrências sintáticas como o início de frase pelo pronome oblíquo: "me diga", "me faça", etc. O nosso João Ribeiro já observara que o modo brasileiro é um pedido, enquanto que o modo português é uma ordem, não se tratando, no caso, de outra cousa que "a expressão diversa da personalidade", para a formação da qual, no tocante ao brasileiro, o fator indígena, concorrerá profundamente — acrescentamos nós.